



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8197 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 17 - Filosofia da Educação

**EXPERIÊNCIA ESCOLAR E A NATUREZA IMPRODUTIVA DA EDUCAÇÃO:  
REFLEXÕES A PARTIR DE HANNAH ARENDT E WALTER BENJAMIN**  
Elaine Fernandes de Oliveira Santos - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEUSP

**EXPERIÊNCIA ESCOLAR E A NATUREZA IMPRODUTIVA DA EDUCAÇÃO:  
REFLEXÕES A PARTIR DE HANNAH ARENDT E WALTER BENJAMIN**

**Introdução**

O presente texto tem como propósito comunicar um projeto de pesquisa de mestrado, em andamento, na área da Filosofia da Educação, sobre o tema da experiência escolar e sua relação com o que se pretende defender como natureza improdutiva da educação. A ideia é trabalhar o conceito de experiência à luz de algumas obras de Walter Benjamin e explorar uma concepção improdutiva da educação segundo o pensamento de Hannah Arendt, para, a partir destas reflexões, percorrer e analisar alguns discursos educacionais e documentos oficiais que regem as políticas públicas da educação brasileira, sobretudo aqueles que circulam no âmbito de parcerias com empresas privadas, autodenominadas pelo ramo de “soluções educacionais”.

O que se pretende elucidar é a dimensão experiencial da formação na escola, com o objetivo central de propor reflexões que vão contra a apropriação econômico-empresarial dos discursos educacionais, em tempos de mercantilização dos sistemas de ensino e de uma crença amplamente difundida no que seria uma “qualidade da educação”.

**Método utilizado**

Por se tratar de uma pesquisa teórica, os principais métodos serão a análise do discurso e a investigação bibliográfica, ou seja, a análise de conteúdo das obras filosóficas previstas na pesquisa para o estudo do tema da experiência escolar, que deverá formar a base para as reflexões e análises sobre alguns dos discursos educacionais e documentos oficiais vigentes nas políticas públicas da educação brasileira.

Seguindo a distinção apresentada por Israel Scheffler (1974) sobre o estudo filosófico, que – diferentemente da história das ideias, que busca um levantamento dos resultados de um filosofar passado – se apresenta como um ato presente de tomar posição frente a problemas filosóficos, o método aqui utilizado será este que emprega a filosofia na “elucidação das noções e modos básicos de argumentos” e “em apreciar em profundidade as ideias fundamentais” em torno de algo ou um tema. Para a educação, o exercício da filosofia, ou o estudo filosófico, procura atender a essa necessidade de repensamento crítico de suas

fundações, estejam elas nas práticas, nos currículos ou nos discursos.

### **Discussão articulada aos referenciais bibliográficos**

A questão-problema a ser investigada tem como ponto de partida uma defesa da escola pública, diante de um cenário discursivo que procura todo o tempo corrigi-la, submetê-la, até seu desaparecimento, por meio de reformas, atualizações que alteram a própria natureza do que se faz na escola (MASSCHELEIN & SIMONS, 2017). Logo, nossa busca por saídas do ponto de vista *educacional*, nossa tentativa de examinar tais discursos à luz do fazer próprio da escola, partindo de exercícios de pensamento sobre elementos apreendidos da cultura escolar (AZANHA, 1990-1991).

Em Benjamin, vamos refletir sobre a narração e seu ocaso nas sociedades capitalistas modernas e a conseqüente baixa das experiências (BENJAMIN, 2012), e então nos perguntar se é possível encontrar na forma da escola aquelas principais condições de realização da experiência que Benjamin distingue em seus textos (GAGNEBIN, 2012). Em Arendt, vamos nos debruçar sobre os sentidos da crise na educação, dos impactos que sobre ela exerce a crise da tradição (ARENDR, 2009), voltar o olhar, portanto, para o próprio sentido da educação, e nos perguntar se seria possível pensar (e defender) uma improdutividade inerente à forma da escola, no sentido de combater a lógica instrumental pela qual se traçam as estratégias de domaço e controle do fazer escolar, e as expectativas e demandas por resultados futuros alinhados à ordem econômica vigente.

Carvalho (2017) procura associar a crise na educação escolar a uma ideia de “esvanecimento do sentido político e existencial da experiência escolar”.

[...] um dos mais claros sintomas de crise nesse âmbito pode ser detectado pela dificuldade atual em se imputar à experiência escolar qualquer sentido existencial e político que ultrapasse suas alegadas funções econômicas ou seus supostos papéis na conformação e na reprodução de uma ordem social. (CARVALHO, 2017).

Desta dificuldade parte, então, a presente pesquisa, procurando sustentar a ideia de uma natureza improdutiva da escola que possa iluminar os problemas imputados à educação ao recuperar seu sentido intrínseco, que atribua valor às suas práticas, princípios e relações nela estabelecidas *enquanto estas acontecem*, não com vistas a resultados futuros; até mesmo pela marca sensível da experiência como algo da ordem do imprevisível, indeterminável, incontrolável.

Nesse sentido, pretendemos olhar a escola em si mesma como a materialização de uma crença utópica de que cada um pode aprender tudo, pautado na hipótese da *igualdade das inteligências*, a ser sempre verificada, e não no pressuposto de uma desigualdade a ser diminuída (RANCIÈRE, 2013); e que suas operações mais radicais e revolucionárias são práticas e arranjos *pedagógicos* para tornar coisas públicas e para reunir pessoas e o mundo. E visto que tais operações se dão no campo indeterminável da experiência, não podemos em nada associar a escola a uma finalidade instrumental, pois o sentido formativo que ela confere aos sujeitos que por ela passam é intrínseco, o valor do tempo de formação que ela oferece se encontra em si mesmo, em seu potencial transformador.

### **Resultados parciais e conclusão**

A pesquisa encontra-se ainda em sua etapa inicial, cujo estudo do tema e revisão bibliográfica, aponta, como primeiros resultados, para a importância da narração da experiência escolar em defesa e pelo futuro da escola. Seguindo a análise de Gagnebin (2012)

“de que uma reconstrução da *Erfahrung* deveria ser acompanhada de uma nova forma de narratividade”, destacando o aspecto “constitutivista” do pensamento benjaminiano e esta dimensão fundamental de sua obra, que é a *abertura*, depreendemos que a narrativa da experiência escolar pode reanimar os sentidos da escola como tempo-espço de suspensão para formação dos novos que chegam ao mundo.

Narrar a escola a fim de apresentá-la (e não idealizá-la) para que siga existindo, em combate aos discursos que constroem a ideia do fracasso escolar de onde será inevitável a saída, a não ser pela mercantilização do modo de ser da escola, e conseqüente desvirtuação de seu sentido. Admitir o fracasso da institucionalização da escola como bem público é o primeiro passo das ações que a entregam ao mercado capitalista, a transformar radicalmente em *produto* o que um dia se constituiu como *direito*.

**Palavras-chave:** Experiência escolar. Defesa da escola. Direito à educação. Filosofia da Educação.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. A Crise na Educação. In: \_\_\_\_\_. *Entre o Passado e o Futuro*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

AZANHA, José Mário Pires. Cultura escolar brasileira. Um programa de pesquisas. *Revista USP. Dossiê Educação*. n. 8, dez./jan./fev. 1990-1991.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Os ideais da formação humanista e o sentido da experiência escolar. *Revista Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1023-1034, out./dez., 2017.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas I. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 213-240.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. Prefácio. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas I. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 7-20.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. Em defesa da escola: uma questão pública. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SCHEFFLER, Israel. A linguagem da educação. São Paulo: Saraiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.